

Transformação físico-espacial com crianças e suas repercussões no contexto de favelas

Physical-spatial transformation with children and its repercussions in the context of favelas

Mariana Protázio Santos, graduada, Universidade Federal de Minas Gerais.

protaziomariana@gmail.com

Paula Barros, doutora, Universidade Federal de Minas Gerais.

paula-barros@ufmg.br

Marcela Rodrigues de Almeida Sanches, graduanda, Universidade Federal de Minas Gerais.

marcelasanches@ufmg.br

Anna Pires Diniz, graduanda, Universidade Federal de Minas Gerais.

annapiresdiniz@gmail.com

Resumo

Embora a participação infantil nas tomadas de decisão seja um direito consagrado, as crianças são frequentemente invisibilizadas em processos decisórios, incluindo àqueles que afetarão a qualidade das suas vidas. O presente estudo tem como objetivo explorar as repercussões de transformações físico-espaciais com crianças, entre 9 e 10 anos, moradoras da favela Morro do Papagaio (Belo Horizonte, Brasil). Para tal, foram realizadas entrevistas, foto-elicitação e observação participante. A análise temática indutiva dos dados revelou o valor das transformações físico-espaciais enquanto uma prática que permite o exercício dos direitos infantis à participação, sociabilidade, brincadeira, liberdade, educação, uso dos espaços públicos e beleza.

Palavras-chave: Participação; Infância; Transformação físico-espacial; Favela

Abstract

Although children's participation in decision-making is an established right, they are often invisibilized in decision-making processes, including those that will affect the quality of their lives. The aim of this study is to explore the repercussions of physical-spatial transformations with children aged between 9 and 10 living in the Morro do Papagaio Favela (Belo Horizonte, Brazil). To this end, interviews, photo-elicitation and participant observation were carried out. The inductive thematic analysis of the data revealed the value of physical-spatial transformations as a practice that allows children to exercise their rights to participation, sociability, play, freedom, education, use of public spaces and beauty.

Keywords: Participation; Childhood; Physical-spatial transformation; Favela

1. Introdução

O crescimento da cidade implica em experiências cada vez mais urbanas na infância – mais da metade da população mundial, entre elas, 1 bilhão de crianças vivem em ambiente urbano segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) [1]. Ainda assim, a não participação de crianças na vida social e política reflete na desvalorização dos impactos de decisões sobre este grupo geracional [2]. O direito à participação infantil consagrado pela Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) em 1989 enfatiza o potencial das crianças como sujeitos ativos [3]. À nível nacional, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 endossa a posição de crianças e adolescentes enquanto sujeitos de direito [4].

Desde a Convenção, projetos em todo o mundo pretendem transformar lugares melhores para crianças e envolvê-las nestes processos, como o *Child Friendly Cities* [5]. Este trabalho busca avançar em discussões sobre como transformações de espaços abertos de uso público, com crianças, podem contribuir para assegurar os direitos das crianças que vivem nas áreas de vilas e favelas. Ao propor um olhar atento para o que dizem estas crianças sobre sua relação com o ambiente urbano, interessa-nos “Reconhecer as crianças como copesquisadoras ao invés de apenas objetos de pesquisa [...] aceitar que as crianças podem ‘falar’ por si mesmas e relatar pontos de vista e experiências válidos” [6, p. 278, tradução nossa].

O presente artigo se baseou em uma investigação realizada a partir de uma transformação físico-espacial de pequena escala na favela do Morro do Papagaio, Belo Horizonte (Brasil), intitulada “Escadaria dos Artistas” pelas crianças participantes. A ação fez parte da oficina de projeto PRJ057, realizada no segundo semestre letivo de 2023, com crianças matriculadas na Escola Municipal Ulysses Guimarães (EMUG), estudantes de arquitetura e urbanismo, bolsistas de extensão e iniciação científica, estudantes de pós-graduação, professores de diferentes campos do conhecimento, além das autoras deste trabalho. Na ocasião, mosaicos foram produzidos e assentados na escadaria do beco São Jorge.

Com o propósito de compreender em mais profundidade como processos de transformação de espaços públicos com crianças pode contribuir para promover os seus direitos, o estudo objetiva revelar os efeitos (tangíveis e intangíveis) associados à transformação físico-espacial da escadaria do beco São Jorge com crianças moradoras da favela do Morro do Papagaio. Para tal, foram realizadas observação participante, entrevistas e foto-elicitação com crianças. Optou-se pela análise temática indutiva para análise das notas de campo, depoimentos e fotos. O presente trabalho está organizado em seis seções. Na segunda seção será apresentado o repertório teórico que fundamenta esta investigação. Os métodos de coleta e de análise de dados serão descritos na terceira seção. Na quarta seção os resultados obtidos serão detalhados e a discussão destes comporá a seção subsequente. A sexta seção contempla as considerações finais.

2. Marco Teórico

De acordo com Patto, as teorias de carência ou privação cultural, que despontaram no Brasil na década de 70, consideravam jovens e crianças de classes oprimidas como indivíduos destituídos de condutas e de valores estabelecidos pelas classes dominantes [7]. Desta maneira, justificava-se a “deficiência” cultural destes. Esta narrativa estigmatizante tinha como base o cotidiano destas crianças e presumia que seus ambientes familiares eram desestabilizados, marcados pela violência e agressividade [8]. Esta condição afetaria os desenvolvimentos cognitivo, intelectual, afetivo-emocional [7], avaliados por critérios que negavam quaisquer especificidades culturais pertencentes às camadas populares [8].

Na contracorrente desta narrativa elitista, aqui, entende-se que todas as crianças, inclusive àquelas que vivem nas áreas mais empobrecidas das cidades, possuem competências e habilidades para opinar sobre os assuntos que lhes competem, conforme consagra o Artigo 12 da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) [9]. Entretanto, a participação de crianças nos processos decisórios de planejamento, gestão e projetos urbanos é um desafio evidente. Nota-se a ausência ou escassez de atuação destas na construção de políticas nacionais e locais para que suas necessidades sejam atendidas [10]. A falta de atenção às sugestões das crianças acerca dos espaços públicos [11]. O desequilíbrio de poder, uma vez que as tomadas de decisões partem de visões adultocentradas, que podem desconsiderar opiniões de jovens e crianças [12].

Logo, como oportunizar a participação infantil? Manzini definiu como casos promissores de inovação social quando os interesses individuais, sociais e ambientais incorporam uma ação colaborativa e sustentável conduzida por problemas da vida cotidiana [13]. Segundo o autor, inovação social “refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades” [13, p. 61]. Entretanto, os processos decisórios de organização dos espaços públicos não consideram incorporar as vozes das crianças [14]. Por outro lado, escutar as crianças não é suficiente, é preciso oportunizar a participação destas nos processos de transformação dos ambientes urbanos.

Chawla destaca três argumentos principais para envolver a criança no planejamento das cidades: (i) desenvolverão capacidades formais de cidadania democrática; (ii) são especialistas sobre o quão bem a situação ambiental local responde às suas demandas; e (iii) irão adquirir hábitos de interesse e cuidado com o ambiente [3]. Contudo, a escassez de estudos latino-americanos publicados sobre a participação infantil na transformação de espaços públicos foi apontada por Ruas como um desafio para a efetivação dos direitos das crianças [14]. Isto reforça a necessidade de entender em qual medida estas transformações físico-espaciais com crianças em vilas e favelas podem promover os direitos das crianças.

À medida em que se inserem em um espaço urbano as identidades das crianças são moldadas em um processo chamado de personalização, no qual afeições e objeções são reveladas [15]. Este processo se aproxima do conceito de lugar para Tuan, quando o espaço se transforma em lugar à medida em que é conhecido e dotado de valor [16]. Por esta lógica, a criança no contexto de vilas e favelas tem suas identidades imbricadas pelos elos de afetividade com os espaços [17], e aqui, o foco está na transformação destes espaços em lugares pelas crianças.

3. Procedimentos Metodológicos

Segundo os dados da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), quase 15.700 pessoas vivem no Morro do Papagaio, favela formada por quatro vilas, sendo elas: Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia, Vila Santa Lúcia e Vila São Bento [18] (Figura 1). Esta importante favela, uma das mais antigas da capital mineira, está localizada na região Centro-sul, sendo circundada por bairros de classe média e média alta, como São Bento, Santa Lúcia, Cidade Jardim e Santo Antônio. Este quadro reflete as desigualdades que permeiam a história de Belo Horizonte desde a sua inauguração em 1897.

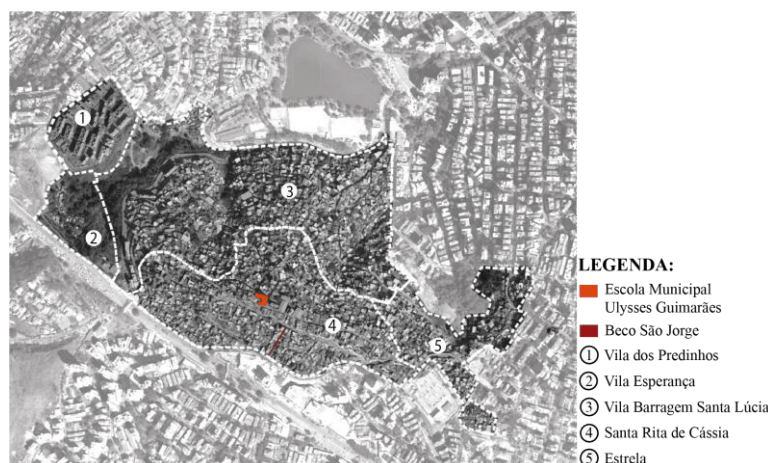


Figura 1: Mapa do Morro do Papagaio. Fonte: elaborado pelos autores.

O presente estudo buscou compreender o olhar das crianças em relação aos espaços abertos disponíveis no Morro do Papagaio como forma de revelar o valor das transformações engendradas na escadaria no Beco São Jorge para elas. Desenhos produzidos pelas crianças foram transformados em mosaicos com sucata de construção e doações de materiais e, então instalados, na escadaria, com a colaboração de acadêmicos, crianças matriculadas e não matriculadas na EMUG e membros da comunidade. Esta pesquisa qualitativa se articula com atividades de ensino (oficina de projeto PRJ057) e extensão que vem sendo realizadas na favela do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte (Brasil), desde 2022. A adoção de uma abordagem qualitativa permite a compreensão dos fenômenos sociais a partir da perspectiva das pessoas e o contexto em que estão inseridas. De acordo com Creswell,

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados [19, p. 26].

O plano de curso da PRJ057 foi estruturado para integrar pesquisa e práticas extensionistas. Por meio desta retroalimentação pode haver uma experiência educacional mais enriquecedora e socialmente engajada com devolutivas para a comunidade. O plano de curso compreendeu as seguintes etapas: (i) a etapa de pesquisa para confecção e contato com o local onde se daria a transformação físico-espacial; (ii) análise crítica das informações coletadas na fase anterior; (iii) geração de ideias para a produção dos mosaicos; (iv) avaliação dos desenhos das crianças a serem transformados em mosaicos, prototipagem e definição de como seriam executados; (v) instalação dos mosaicos.

As pesquisadoras (MP e PB) realizaram entrevistas para identificar como as crianças vivenciam o Morro do Papagaio. Entre as 40 crianças que participaram da PRJ057, 7 foram entrevistadas. Fez-se uso da foto-elicitacão já que fotos são mediadoras comunicativas e meios para aprofundar questões de interesse [20]. Nestas fotografias, “emojis” ou símbolos foram adicionados, pelas crianças, como forma de evidenciar suas emoções. As fotos foram capturadas pelas crianças antes e depois da transformação ao longo de um circuito que tinha como ponto de partida e chegada a EMUG (Figura 2). A participação das pesquisadoras em todas as etapas da PRJ057 (2023-2) permitiu a observação participante.



LEGENDA:
- - - - - Beco São Jorge
..... Percurso empreendido pelas crianças

Figura 2: Percurso empreendido pelas crianças para registrar fotografias. Fonte: elaborado pelos autores.

Cinco temas emergiram a partir da análise temática indutiva dos dados coletados, que seguiu as etapas descritas por Braun e Clarke [21]. Para tanto, todas as entrevistas e foto-elicitações realizadas foram transcritas e organizadas em uma tabela *excel*, onde os autores fizeram a leitura e releituras dos dados coletados (etapa 1). As informações que substanciaram reflexões relevantes foram destacadas em cores diferentes e revisitadas para agrupá-las em códigos preliminares (etapa 2). Posteriormente, os códigos recorrentes foram agrupados em temas (etapa 3). Estes foram revisados para atender satisfatoriamente ao conjunto de dados (etapa 4). Por fim, a última etapa envolveu a escrita dos resultados (etapa 5). Na próxima seção, nomes fictícios foram utilizados para garantir o anonimato dos participantes. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFMG (CAAE 59886022.4.0000.5149).

4. Resultados

4.1. As vivências

A análise temática mostrou que o medo permeia as vivências urbanas das crianças na favela do Morro do Papagaio. Entre eles o medo do crime (e.g., assaltos), o medo de estranhos (e.g., sequestro), o medo de doenças, medo de acidentes (e.g., queda) e medo de enchentes. Estes três últimos medos são provenientes do acúmulo de lixo em alguns pontos, segundo as crianças (Figura 3).



Figura 3: Registros fotográficos de lixos e entulhos. Fonte: elaborado pelas crianças.

João declarou que tem medo de assalto quando está se deslocando a pé para a escola, no entanto, quando perguntado se já presenciou essa situação disse que “[...] só em foto, basicamente”. Júlia disse que o lixo “entope os bueiros e deixa as casas alagadas e ficam muitas pessoas sem comida, sem casa”.

Segundo os dados, as crianças participantes da pesquisa utilizam espaços públicos abertos para brincar e interagir, sobretudo entre pares, mas com restrições (e.g., supervisão de adultos). João disse que “[...] toda sexta eu fico lá (na praça) brincando e vendo os meus amigos porque eu chamo eles para poder brincar” e que “Às vezes o meu pai aparece lá [...] para ver se tá tudo bem”. As brincadeiras envolvem outras crianças, mas alguns familiares fazem parte desta interação, ocasionalmente. Ademais, as intervenções artísticas foram consideradas elementos significativos pelas crianças entrevistadas (Figura 4). Júlia ao ser questionada como se sentiria olhando uma escadaria cheia de desenhos disse que se sentiria segura e feliz: “Porque quando eu fico sozinha aí eu tenho um pouquinho de medo, mas quando eu fico sozinha e vejo coisas bonitas eu fico distraída e eu não teria muito medo”.



Figura 4: Registros fotográficos de intervenções artísticas em becos. Fonte: elaborado pelas crianças.

A presença de elementos naturais evocou um senso de felicidade e segurança nas crianças. “Eu me sinto feliz e também segura”, declarou Júlia ao falar sobre a foto que tirou das plantas. As crianças entrevistadas gostam de contemplar as plantas, o céu e as montanhas (Figura 5). Lorena disse: “Eu gosto de planta, sinto felicidade, pelo menos as pessoas estão plantando alguma coisa no meio ambiente para poder ajudar a nossa respiração, para a gente poder sobreviver”, o que demonstrou uma preocupação com o bem comum.



Figura 5: Registros fotográficos dos elementos naturais. Fonte: elaborado pelas crianças.

4.2. O valor do fazer junto

As crianças valorizaram a participação na oficina. Lorena disse: “Eu quero agradecer vocês por me deixar participar”. Quando perguntada se preferia fazer junto ou sozinha, Ana respondeu: “Fazer junto com vocês [...] a gente pode pedir a opinião de cada um”. Quando questionada se as crianças poderiam transformar outros locais na cidade, disse que “Sim... porque a gente também tem nossos direitos”. Os dados revelam que para fazer junto é preciso ouvir a opinião de todos e que as crianças compreendem seu direito de participar destes processos.

A transformação coletiva da escadaria também estimulou brincadeiras. Quando perguntado se gostaria de adicionar algo à transformação, Caio disse que gostaria que os participantes se reunissem novamente “Porque foi muito divertido quando eles vieram”. Para além das marcas

tangíveis (e.g., mosaicos), por meio da observação participante foi possível notar as marcas intangíveis provocadas pela transformação físico-espacial, como a liberdade e o lazer. As crianças decidiram o que gostariam de fazer, algumas preferiram cantar, outras optaram por ajudar a instalar os mosaicos. A sociabilização também se deu entre participantes e moradores que transitavam pelo local, que manifestaram apoio, empolgação e curiosidade sobre a transformação. Crianças, graduandos, pós-graduandos e professores aprenderam na prática como criar, produzir e instalar mosaicos colaborativamente (Figura 6).



Figura 6: Registros fotográficos da transformação físico-espacial. Fonte: elaborado pelos autores.

5. Discussões

De acordo com Sarmento, o abandono de espaços públicos como locais de brincadeiras, interações sociais e aprendizados foi intensificado pela automobilização na cidade [15]. A transformação de parques em estacionamentos, de ruas como locais para circulação e retenção de veículos ampliaram esta realidade [15]. Em decorrência deste cenário, é perceptível que muitas crianças progressivamente estão perdendo espaços na cidade, e estão cada vez mais presentes em espaços fechados – casas, escolas, e outros ambientes de lazer.

Na contramão desta realidade, os resultados indicaram que as brincadeiras nos becos, ruas e praças fazem parte do cotidiano das crianças no Morro do Papagaio, ainda que exista supervisão dos responsáveis. Este aspecto é coerente com a afirmação de Oliveira que destaca a liberdade de crianças para circular nos seus arredores, quando pertencentes à população de menor renda, especialmente aquelas cujas habitações possuem pouco espaço interno para brincadeiras [22]. Desta forma, mesmo diante de situações desfavoráveis, como sentir medo, brincar em espaços públicos abertos é um direito praticado por estas crianças.

Segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), as principais causas de óbitos por causas externas de crianças brasileiras entre 1 – 14 anos de idade em 2022 foram: afogamento e submersão acidentais, acidente de trânsito como passageiro e como pedestre [23]. Contudo, quando estão nos espaços públicos abertos da favela, o medo do crime e de estranhos prevalece entre os entrevistados. Como afirma Gill, o medo do crime e de estranhos tem reforçado a ausência de crianças e de seus responsáveis nos espaços públicos, que parecem menos seguros por consequência destes receios [24].

Com base na maneira em que percebem os espaços públicos abertos da favela, as crianças revelaram o que apreciam nestes lugares, como a presença da arte e da natureza, que evocam segurança e felicidade. Contemplar a arte e a pintura faz parte dos resultados de Norðdahl e Einarsdóttir, estes ambientes foram definidos pelas crianças como mais coloridos e divertidos [25]. As demandas por espaços mais coloridos também foram reveladas nas pesquisas de Ergle et al., no entanto, estas cores estariam presentes nos ambientes naturais [26]. Querer um ambiente bonito é direito da criança. O Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI) destaca

que “Submeter a criança a espaços de convivência onde não se cuida da estética, a lugares sobrecarregados de feiura e de agressão sensível é negar-lhe o direito à beleza” [27, p. 210].

A transformação físico-espacial com crianças oportunizou o exercício do direito à liberdade e à educação estabelecidos pelo ECA, além do brincar, divertir-se, participar da vida comunitária, opinar, expressar e estar em logradouros públicos, participar em programações culturais e de criação artística. Ao nomearem a ação como “Escadaria dos Artistas”, as crianças se colocam como protagonistas deste processo, revelando o empoderamento que pode resultar da participação em processos de transformação físico-espacial. As relações das crianças com os espaços públicos abertos da favela indicaram que “os espaços materiais que constituem a vida pública influenciam os tipos de relações sociais possíveis neles” [28, p. 302]. Isto reforça a diferença entre lugares de crianças – aqueles onde são atribuídos valores e significados por estas, como argumenta Rasmussen, e lugares para crianças – criados por adultos [29]. A transformação físico-espacial em estudo possibilitou experiências necessárias ao exercício da cidadania.

6. Considerações Finais

Este trabalho procurou romper com narrativas excludentes sobre o papel da criança na sociedade. A transformação físico-espacial da escadaria do beco São Jorge com as crianças da favela do Morro do Papagaio deixou marcas tangíveis, embelezamento do espaço com a execução de mosaicos coloridos, e intangíveis, como: fortalecimento da sensação de pertencimento, refletida no nome dado pelas crianças à escadaria reabilitada coletivamente “Escadaria dos Artistas”, promoção de uma sensação de bem-estar, evocada pelo fazer artístico, socialização, brincadeiras e trocas de saberes, e exercício de direitos estabelecidos pelo ECA e pela CDC, direito à liberdade, convívio social, beleza, educação, divertimento, uso dos espaços públicos e brincadeiras. Este estudo faz uma importante contribuição ao promover a retroalimentação entre teoria-pesquisa-prática, um dos pilares para a promoção do direito à participação das crianças em processos decisórios [14].

7. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Pró-reitora de Extensão da UFMG (PROEX) e Programa de Fomento à Formação em Extensão na Pós-graduação da UFMG (FORMEX). Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento do projeto CNPq 406500/2023-1 e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento do projeto APQ-00779-22. Agradecimentos às crianças e a toda comunidade da Escola Municipal Ulysses Guimarães, aos estudantes que cursaram a oficina PRJ057 (2023-2) e aos voluntários do projeto de extensão proto- (@protoufmg).

Referências

- [1] UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Situação Mundial da Infância 2012**: Crianças em um Mundo Urbano. New York: UNICEF, 2012. 153p. Disponível em: https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/publi/unicef_sowc/sit_mund_inf_2012_mundourbano.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

- [2] SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade e Culturas**, [S. l.], n. 25, p. 183–206, 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/36753>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- [3] CHAWLA, Louise. “Insight, creativity and thoughts on the environment”: integrating children and youth into human settlement development. **Environment and Urbanization**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 11–22, oct. 2002. DOI: 10.1177/095624780201400202
- [4] BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 16 jul. 1990. 284 p. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- [5] BARTLETT, Sheridan. BUILDING BETTER CITIES WITH CHILDREN AND YOUTH. **Environment and Urbanization**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 3–10, oct. 2002. Editorial. DOI: 10.1630/095624702101286151.
- [6] ALDERSON, Priscilla. Children as Researchers: the Effects of Participation Rights on Research Methodology. In: CHRISTENSEN, Pia; & JAMES, Allison. (ed.). **Research with children: Perspectives and practices**. 1st ed. London: Falmer Press, 2000. cap. 7, p. 241-257.
- [7] PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 468p.
- [8] GOUVEA, M. C. S. A criança de favela em seu mundo de cultura. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 86, p. 48–54, ago. 1993.
- [9] ONU – Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- [10] HILL, Malcolm; DAVIS, John; PROUT, Alan; TISDALL, Kay. Moving the participation agenda forward. **Children & Society**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 77–96, 2004. DOI: 10.1002/chi.819.
- [11] ELSLEY, Susan. Children’s experience of public space. **Children & Society**, [S. l.], v. 18, p. 155–164, 2004. DOI: 10.1002/chi.822.
- [12] TISDALL, E. Kay M.; CUEVAS-PARRA, P. Beyond the familiar challenges for children and young people’s participation rights: the potential of activism. **International Journal of Human Rights**, [S. l.], v. 26, n. 5, p. 792–810, 2022. DOI: 10.1080/13642987.2021.1968377.
- [13] MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Tradução: Carla Cipolla, Elisa Spampinato, Aline Lys Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. 104 p.
- [14] RUAS, Desirée Rodrigues. **Uma revisão de escopo sobre como as crianças têm percebido e transformado, colaborativamente, espaços públicos**. 2023. 181f. Dissertação (mestrado) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/60503>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- [15] SARMENTO, Manuel J. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, vol. 41, n. 2, p. 232-240, 2018. DOI: 10.15448/1981-2582.2018.2.31317

- [16] TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- [17] COELHO, Glauci; DUARTE, Cristiane R.; VASCONCELOS, Vera M. R. de. A criança e o espaço vivido favela: a complexidade do espaço nas interações da infância. **Oculum Ensaios**, [Campinas], n. 6, p. 74–87, 2013.
- [18] URBEL – Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte. **Vilas, Favelas e Loteamentos Públicos de Interesse Social (2020)**. Prefeitura de Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/urbel/2021/dados_vila_favela_2020_2021.05.pdf. Acesso em: 8 mar. 2024.
- [19] CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.
- [20] CLARK-IBÁÑEZ, Marisol. Framing the social world with photo-elicitation interviews. **American Behavioral Scientist**, [S.l.], v. 47, n. 12, p. 1507–1527, aug. 2004. DOI: 10.1177/0002764204266236.
- [21] BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. DOI: 10.1191/1478088706qp063oa.
- [22] OLIVEIRA, Cláudia. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.
- [23] MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL); DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SUS - DATASUS. **Informações de Saúde (TABNET)**. Disponível em: Acesso em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/ext10uf.def>. Acesso em: 6 de mar. 2024.
- [24] GILL, Tim. **No fear**: Growing up in risk averse society. Londyn: Calouste Gulbenkian Foundation, 2007.
- [25] NORÐDAHL, Kristín; EINARSDÓTTIR, Jóhanna. Children’s views and preferences regarding their outdoor environment. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 152–167, 2015. DOI: 10.1080/14729679.2014.896746.
- [26] ERGLER, Christina; SMITH, Kylie; KOTSANAS, Cassandra; HUTCHINSON, Constance. What Makes a Good City in Pre-schoolers’ Eyes? Findings from Participatory Planning Projects in Australia and New Zealand. **Journal of Urban Design**, [S. l.], v. 20, n. 4, p. 461–478, 2015. DOI: 10.1080/13574809.2015.1045842.
- [27] BRASIL. **Plano Nacional Primeira Infância: 2010-2022 | 2020-2030**. Brasília: RNPI/ANDI, 2020.
- [28] CALDEIRA, T. P.R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- [29] RASMUSSEN, Kim. Places for Children – Children’s Places. **Childhood**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 155–173, 2004. DOI: 10.1177/0907568204043053.